humanitas

Vol. XV–XVI

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XV E XVI

COIMBRA
MCMLXIII-LXIV

a. C. é assinalada a p. 63 e segs. Justifica Paratore, ccm boas razões, o estranho silêncio de que Cícero, em geral, rodeia Lucrécio. A p. 66 escreve: «Cicerone — come tutta la classe coita tradizionalista di Roma — ammetteva la validità delia speculazione ellenica solo sul piano delia vita associata...; gli sfuggiva perciò 1'esigenza cosi squisita mente greca di basare l'anal isi del problema morale su saldi fondamenti cosmologici, fisici, logici e metafisici.»

Não sabemos, porém, como conciliar estas afirme.ções com a interpretação que da obra de Lucrécio dá Paratore no final do seu trabalho. Que a romanidade do poema não derive apenas do seu «tom expressivo», mas do seu «singular carácter» relativamente ao tratamento do problema ético, parece difícil de entender à luz dos conceitos expressos na citação anterior.

De qualquer modo, e não atribuindo a este reparo especial importância, escreveu Paratore uma obra rica de sugestões culturais, notável como síntese de um complicado processo em que, ao olhar arguto do investigador, se entrel?,çam os múltiplos fios da História numa rede inextricável de relações.

MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO

Olivier Masson — Les fragments du poète Hipponax. *Édition critique et commentée.* Études et commentaires: XLIII. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1962. 195 pp.

Ainda há cinco anos, o estudioso de Hipónax teria de recorrer, para o conhecimento integral dos fragmentos do poeta efésio, a três obras diferentes: a colectánea dos *Poetae lyrici Graeci* de Bergk (II, 4.ª ed., 1882; reimpressa em 1890 e 1915), que, anterior embora aos descobrimentos dos papiros, apresentava, em compensação, todas as relíquias menores e todas as glossas; a *Anthologia lyrica Graeca* de Diehl (III, 3.ª ed., 1952, revista e aumentada nor Beutler), onde figuravam — com suplementos por vezes aventurosos — os textos papiráceos menos mutilados ; e os «Oxyrhynchus Papyri», volumes XVIII (1941), XIX (1948) e XXII (1954), editados respectivamente por Lobel-Roberts-Wegener, Lobel-Roberts-Wegener-Bell e Lobel-Roberts, que transcreviam todos os papiros, sem excepção das lacinias mais desfeitas (1). A situação modificou-se, radical e surpreendentemente, a partir de 1959: Hipónax,

(!) Um minúsculo fragmento (148b Masson), de restituição problemática, aparecera nos *Griechische literarische Papyri* de Schubart (Berlin, 1950); e um artigo inédito do *Léxico* de Fócio (138a) — *βαρεία χειρ' Ἱππώναξ την δεξιάν* — foi comunicado a Masson pelo professor helénico Linos Politis. Dos «Papiri greci e latini» (Soc. It.), vol. 9 (1929), 1089, Lobel reproduzira, com relíquias confirmativas procedentes de outro papiro (2174.24), o frg. *ηνδα όε λυδίζου€α κτλ.* (92), pela primeira vez publicado por Coppola na «Riv. filol. istr. class.», 56 (1928), 500-506.

que há perto de um século e meio não conhecia uma edição autónoma (a última, de Welcker, era de 1817) (2), dispõe agora de quatro, três das quais autónomas(3), privilégio que parecerá sem dúvida excessivo àqueles mesmo que evitavam atribuir-lhe um lugar de somenos na história literária grega. Dois editores — Adrados (*Líricos griegos: elegíacos y yambógrafos arcaicos.* II. Barcelona, 1959) e o autor desta recensão (.*Hipónax de Éfeso:* I. *Fragmentos dos Iambos.* Coimbra, 1961) — precederam Masson na publicação, integral ou quase, do texto hiponacteu: mas ambos, por certo, teriam de boamente concedido a prioridade ao editor francês, que há perto de quinze anos (4) se ocupava do tema e descobrira, em 1950, num códice inédito de Tzetzes, fragmentos novos do poeta efésio («Parola del passato», 5 [1950], 71-76). Ao conhecimento aprofundado dos exasperantes problemas textuais aliava o discípulo de Chantraine uma preparação linguística excelente, haurida no estudo de alguns aspectos do léxico e da epigrafia micrasiáticas e fortalecida pelo contacto permanente com a bibliografia mais actualizada que a estes assuntos se refere. A prudência do critério, a seiiedade da formação e a largueza da documentação concorriam para criar em volta do seu trabalho uma expectativa que os factos viriam amplamente justificar. Sem prejuízo da sua independência de honrado estudioso, Masson pôde, além disso, beneficiar do auxílio de eruditos espanhóis (Adrados, Ruipérez), franceses (Chantraine, Humbert, Irigoin, Lejeune, Martin, Schwartz, Taillardat), holandeses (Koster), alemães (Erbse, Latte, Maas, Snell), suíços (Lasserre) e italianos (Cantarella, Colonna, Gallavotti), que com pareceres, conselhos ou informações procuraram contribuir para o êxito da edição. Não conhecemos ainda, à excepção de uma crítica elogiosa de Lasserre («Ant. Class.», 32 [1963], 615-617), as reacções de outros especialistas: mas não duvidamos que sejam favoráveis. A edição de Masson está destinada a «fazer época» e tornar-se instrumento de consulta indispensável para o estudioso da lírica grega e ponto de partida essencial para novos editores do poeta efésio.

O trabalho, mais denso do que pode parecer a quem o observe apenas no relance do seu volume inferior às duzentas páginas (mas bastaria, para rectificar a impressão, atender ao número e à riqueza bibliográfica das notas), apresenta-se dividido em duas partes: 1) introdução e edição; 2) comentário. Assinaláveis, desde logo, tanto em uma como em outra parte, a clareza e a concisão. O leitor não tem o menor embaraço para se orientar na introdução, tão orgânicamente ela se apresenta articulada em capítulos (O homem e a sua época. A obra. Esboço de uma história do texto. As edições de Hipónax e a presente colectânea) e estas, por seu turno, subdivididas em secções maiores ou menores. A edição propriamente dita dá os fragmentos

(2) Nem esta, a rigor, podia considerar-se como tal, visto incluir também os fragmentos de Anânio.

(3) E fala-se, em Itália, da próxima publicação de uma quinta. A precipitada edição de Farina *(Ipponatte : introduzione*, *testo critico*, *testimonianze, traduzione*, *commento; con appendice e lessico.* Napoli, 1963) representou, infelizmente, um perigoso retrocesso.

(4) O seu primeiro artigo, *Les épodes de Strasbourg: Archiloque ou Hipponax?,* saiu na «Rev. ét. gr.», 59-60 (1946-1947), 8-27.

em leitura arejada, com um aparato crítico voluntàriamente abreviado, mas de exempiar propriedade na citação das variantes, das glossas e dos escólios, e na utilização dos testemunhos de Hesíquio ; de lamentar apenas, nos fragmentos de tradição indirecta, a omissão do texto das fontes (5) e, nos fragmentos papiráceos, a renúncia à apresentação dos frústulos mais diminutos, que podem, no entanto, ter interesse para a colocação de novos textos (6). O comentário procura esclarecer o sentido do fragmento, definir os problemas de crítica textual, analisar particularidades da linguagem e da métrica, e investigar, quando possível, a origem de vários termos peregrinos.

Na introdução, algumas novidades e observações interessantes merecem ser referidas ou discutidas. Masson considera (p. 14) «demasiado original para ser de todo inventada» a notícia da caricatura que teria provocado a ira do poeta contra Búpalo e Aténis (tanto mais que investigadores recentes, como Rumpf e Lippold, não excluem a existência de uma escultura paródica no tempo de Hipónax), mas inclina-se cautamente para a opinião de que «a rivalidade amorosa» suscitada pela «bela [?] Arete» desempenharia «um papel importante» na querela entre Búpalo e o iambógrafo. É esta, em nosso entender, a melhor atitude, já que daqueles túrbidos amores há clara atestação em vários fragmentos e, entretanto, a história da caricatura é tardia demais para poder ser aceite sem algumas reservas. «Toda a querela deve ter-se desenrolado em Éfeso, antes do exílio para Clazómenas, como resulta do início provável dos *Iambos* (frg. 1. 1-2), em que os Clazoménios são tomados como testemunho pelo poeta recém-chegado. Mas Hipónax começou a escrever em Éfeso? A hipótese é, claro está, plausível. Pode supor-se igualmente que a sua actividade poética começou em Clazómenas: expulso da sua cidade natal, Hipónax teria descrito, para se vingar, certos episódios da sua vida em Éfeso, entre os quais os desaguisados com Búpalo, Aténis e Arete.» (p. 14). Como se vê, Masson parece favorecer, com Adrados *(Líricos,* II, p. 13), a segunda probabilidade: nós confessamos que a hipótese da ira requentada, da *μάχη...* reminiscente, nos parece menos

(5) Masson procurou justificar o sacrifício voluntário desta parte da edição : mas o argumento invocado (p. 53 : «recopiar todos esses passos teria como resultado, as mais das vezes, fazer desaparecer magros fragmentos no meio de longas citações cujo interesse nem sempre é evidente») não convence. Um fragmento, por exemplo, como o número 60 *πέφανον ἔϊχον κοκκυμήλων καί μίνθηϵ* é obscuro fora do contexto em que figura acompanhado de dois textos de Aléxis (frgs. 272 e 273 Kock): e o comentário, que deveria suprir a ausência de transcrição da fente (p. 53: «mas é evidente que a própria existência de um comentário permitiu retomar ou resumir as indicações do citador, sempre que pareciam úteis à compreensão do texto»), não retoma nem resume, neste caso, as indicações do citador. De resto, é o próprio editor que, a p. 110, escreve estas palavras significativas: «Para o comentário dos versos de Hipónax [frgs. 5-10], é necessário tomar em consideração o texto de Tzetzes que os introduz e parafraseia.»

(6) Assim no caso dos frgs. 83 (Oxyrh. pap. 2174.15), 90 (2174.22), 97 (2174.29), 99 (2174.31), 108, 109, 111, 112, 114 (2175.8, 9, 11, 12, 14). Isto nos impede de considerar rigorosamente «completa» a presente edição.

verosímil em poesia tão «imediata» (no sentimento, que não na forma) como a de Hipónax. E fraco socorro nos vem do fragmento *ὦ Κλαζομένιοι*, *Βούπαλός <τε> καθηνκ* (1.2) — citado anónimo nas fontes, mas atribuído com muita probabilidade ao Efésio —, porque é uma hipótese apenas a sua colocação no início do livro I dos *Iambos.*

Na corrente das sugestões que apresentara no seu primeiro artigo hiponacteu, Masson admite que a obra de Hipónax se apresentava, nas edições alexandrinas, repartida em três livros: o primeiro abrangeria os ccliambos (com a mescla ocasional e bem provada de trímetros rectos), o segundo os epodos, o terceiro as composições em metros diversos — arrumação que corresponderia ao segundo, quarto e terceiro das poesias de Arquíloco (1. elegias, II. trímetros, III. tetrámetros, IV. epodos: segundo Lasserre, ed. Budé, pp. LXX-LXXI). Observaremos apenas que um livro III não é mencionado pelas fontes e que, sendo realmente difícil imaginar que o II compreendesse, ao mesmo tempo, os epodos, os tetrámetros iâmbicos, os tetrámetros trocaicos escazontes, os hexámetros paródicos, — se pode, com igual legitimidade, alargar até quatro (ou cinco, se isolarmos os «meliambos» que Masson não indica) o número de livros da edição alexandrina de Hipónax, inserindo no
I os coliambos, no II os epodos, no III os tetrámetros e no IV os hexámetros (que são mencionados à parte por Polémon, in Ateneu, 15. 698 b).

Em duas páginas (18-19), Masson resume quanto de mais oportuno se pode dizer sobre o conteúdo da obra hiponacteia: nós teríamos apenas insistido sobre os elementos mítico-burlescos e escatológicos dos últimos fragmentos descobertos (a que, todavia, se faz referência no capítulo seguinte) e prescindido da utilização dos controversos epodos de Estrasburgo. Com razão o editor francês se recusa a ver no iambógrafo de Éfeso um poeta moralista : o próprio tom sentencioso é para nós — que consideramos espúrios os frgs. 64 e 68 — menos aparente do que para Adrados e Masson.

Exprime-se por forma justamente categórica o assentimento à reacção, iniciada por Perrotta («St. it. filol. class.», 15[1938], 21), contra a ideia de um Hipónax glossemático: «Hipónax é um poeta dialectal, que se não pode desarreigar do nateiro iónico do século vi —mas nem por isso deixa de ser um poeta grego: as obscuridades, quando não provêm de uma deterioração do texto, têm a sua origem na riqueza extrema do vocabulário, não em uma rebusca artificial dos termos. De forma alguma ele representa um Licófron *avant la lettre:* nem é de estranhar que a sua obra, plena de natural e de espontaneidade, anuncie já o mimo e a comédia.» (p. 21). Esta doutrina é desenvolvida e confirmada mais adiante, na secção referente ao emprego de termos alógenos (pp. 31-32): «as palavras estrangeiras que aparecem nos *Iambos* de Hipónax deviam, na sua maioria, estar já incorporadas na língua dos seus contemporâneos de Éfeso» (assim os lidismos *πάλμυα* e *καύη€* e o frigismo *βέκοζ* noutros casos, o poeta introduziria o termo peregrino com uma fórmula de identificação: 3.2 *μη ιο-ν i c τ i Κανδανλα*, 92.1 *ηνδα λν δ ίζο ν c a'* βαο¿|)· «Em muitos outros casos, os modernos quiseram avolumar o pretenso reportório «lídio-cáric» de Hipónax, multiplicando as hipóteses, quer para palavras que são na realidade gregas, quer para termos de origem desconhecida ou hápax sobre que nada se pode dizer de preciso, ou mesmo sobre formas corruptas ou estranhas ao texto autêntico. [...] É necessário reagir contra estes excessos, e ver em Hipónax um poeta grego, que se permitiu, por vezes, empregar palavras estrangeiras, mais ou menos aclimadas no século vi

em solo iónico.» Afirmação digna de todo o aplauso e que o editor francés rigorosamente comprovou ao longo do seu comentário.

O capítulo respeitante aos problemas de métrica (pp. 21-29) retoma e amplia a exposição feita por Masson no seu primeiro artigo hiponacteu: de novo, há sobretudo, como natural corolário da revalorização do testemunho de Heliodoro, a aceitação da natureza coliâmbica dos frgs. 23 e 35, que outros consideram corruptos, paródicos ou formados pela associação de reiziano mais enóplio (6).

Muito reduzida, infelizmente, é a secção (pp. 29-30) em que se estudam as características iónicas do texto : mas o editor adopta, como convinha, um critério quase sempre conservador e voluntàriamente assistemático. Cremos, no entanto, que não erraria em escrever árrayeac (26.7), *βveac* (36.3), *μολοβρίτεω* (114b) e porventura *φαγεϋα* (125).

Mas a parte mais valiosa da intrcdução é certamente a terceira — esboço de uma história do texto (pp. 32-55) — que só por si tornaria Masson credor do reconhecimento dos estudiosos da lírica grega. Todos os elementos de interesse, desde a segunda metade do século VI até à época alexandrina, e desta ao século II da era cristã, depois através dos séculos seguintes até ao bizantino Tzetzes, se acham aquireunidos e apreciados com lucidez. Um capítulo à parte foi consagrado a Tzetzes, e nele se demonstra por forma irrefragável que este erudito pôde utilizar um bom exemplar do livro I dos *Iambos* e que, por isso, as suas citações de Hipónax são dignas de fé.

Da longa experiência de Masson no estudo dos fragmentos hiponacteus era de esperar um texto melhorado em relação ao de Diehl-Beutler: e, na realidade, se as diferenças entre ambos não são mais sensíveis, isso se deve ao facto de que o último editor da *Anthologia lyrica Graeca* aproveitava já numerosas correcções (e três fragmentos novos) apresentadas em artigos do professor francês. Com razão excluiu Masson os frgs. 65, 80 e 81 dessa colectânea, e os frgs. 44, 72, 89, 91, 92, 93 e 94 dos *Poetae lyrici Graeci*[4] de Bergk; e sentimos que não tenha igualmente apartado outras relíquias mal autenticadas, como são os frgs. 62 Diehl[3] (28 Bergk[4], 64 Masson), que ele próprio considera «de atribuição duvidosa» (p. 139), e col. adesp. 1 Diehl[3] (29 Bergk[4], 68 Masson), que mantém com o argumento frágil de que poderá, «a despeito de tudo, pertencer ao Efésio, poeta misógino» (7) (p. 140). Algo estranháveis nos pareceram, ao invés, as exclusões de outros fragmentos: 75, 113 A e 133 Bergk[4]. O primeiro — *άφέω τοϋτον τον έπτάδονλον;*— coincide com Herodas, 5.74-75, e como a atribuição a Hipónax provém únicamente de uma fonte tardia, Eustátio (8), pode suscitar algumas reservas, que explicam decerto o negativismo de Diehl e de Masson: mas será sempre menos suspeito que os frgs. 1.1 *άκονσατ Ίππώνακτοζ' ον γάρ άλΧ ήκω* e 4.2 *ονδεν αία ον προθε€πίζων,* que nenhuma fonte antiga atribui ao poeta, e Masson, no entanto, acolhe no corpo da sua edição. Os outros dois — *εμπεδο€* e + *€αρκοκνων λιμόν* — apresentam dificuldades de leitura

(6)Renuncia-se (p. 28 n. 7), e bem, a utilizar o frg. 114a, claramente alterado, como exemplo de tetrámetro trocaico recto.

(7) Misógino, porque ataca Arete e outros exemplares da Vénus vulgivaga? Mas, no frg. 119, a pretendida misoginia desapareceu: *εϊ μοι γένοιτο παρθένος καλή τε καί τέρεινα.*

(8) Suetónio, *Περί βλα€φημιών* ap. «Mélanges» Miller, traz apenas: *παρ*[5] *Ιππώνακτι* <5ε *και επτάδονλοc' καί 'έπτάβ*ονλο*€* (147 *επτάδονλο*c.... *έπτάβονλοο).*

e interpretação (inclusive do próprio contexto insertor, no caso de 113 A, uma glossa corrupta de Hesíquio), mas não tais que, a nosso ver, justifiquem a sua exclusão pura e simples. Quanto aos frgs. 118.16 *γναικοπί:τηζ,* 135d *Єποδηαλανρα*, 152 *κραδηάτηЄ,* 161 μεταρμοοαο, a sua atribuição a Hipónax é apenas provável, pelo que teríamos preferido reuni-los em secção à parte, por exemplo depois da última glossa garantida como hiponacteia ([9]).

É evidente que, para um texto fragmentário e embaraçoso como o de Hipónax, será sempre difícil obter a unanimidade dos sufrágios. As observações que apresentamos a seguir são feitas com o respeito que nos merece o trabalho de Masson e com a esperança de contribuir para a melhoria do texto de Hipónax em edições futuras.

Frg. 1.1-2. *άκουЄατ 'Ιππώνακτοα...* / *ώ Κλαζομενιοι...* Já expusemos noutro lugar (*.Hipónax*, pp. L-LI) as razões que nos levam a apartar de uma edição crítica do Efésio o primeiro verso dos *Iambos* de Calimaco: e, como a defesa de Masson (p. 101) não contém argumentos novos, preferimos manter a nossa posição de cepticismo. Supreende-nos, todavia, que, seguindo o exemplo de Adrados, o editor francês apresente, na imediata sequência do v. 1,0 iambo *ώ Κλαζομενιοι κτλ.* — em Bergk[4] e Diehl[2] separado por uma linha de pontos (sinal de lacuna) e que efectivamente não dá uma ligação sintáctica satisfatória com o verso anterior.

2.2. Masson adoptou, na esteira de Diehl e de Adrados, o texto métricamente inaceitável de Crusius: *<γυμνή ôè>* é um suplemento gratuito deste filólogo

([9])De aplaudir a restituição ao Efésio da palavra *κοχώνη* (151b), que escapara a Adrados e a Medeiros, sugestionados por Bergk, o qual via no Hipónax citado pela fonte um gramático homónimo do poeta.

Quando houver bons léxicos, perfeitamente actualizados, de todos os iambógrafos, de Licófron, dos poetas da comédia antiga, dos silógrafos, dos parodistas, de Nicandro, de Apolónio Ródio, e até de alguns poetas da Antologia Palatina, poderá vislumbrar-se, com maior probabilidade, a presença em Hipónax de um certo número de palavras características. Mas o reconhecimento plausível desses termos será sempre uma operação delicada e que pode dar magros frutos. Uma tentativa prematura de Jung *(.Hipponax rediuiuus.* Diss. Giessen, Bonn, 1929, 30-56) foi justamente criticada por Knox («Gnomon», 6 [1930], 322-324): todavia as equações de «identificação» sugeridas pelo filólogo inglês — que, por outro lado, tendia a atribuir a Hipónax todas as glossas lidias (e ainda outras) de Hesíquio (ibid., 324; *Herodes*, 64-65) — são algo discutíveis. (Certeira, porém, a sua observação referente à glossa *εξεδίφηζεν * έξεζήτη^ν,* que Adrados reconheceu depois no Oxyrh. Pap. 2174. 17 C.8 = frg. 85. *c.*8 Masson.) Recentemente Ardizzoni (*Callimaco «ipponatteo*», «Annali della Facoltà di Lettere, Filosofia e Magistero di Cagliari», 28 [1960], pp. 4-5 da sep.) atribuiu com verosimilhança ao léxico de Hipónax, entre outras, as palavras *Єιμαίνω*, αττ??, *cωπή, ψιλοκόρЄηЄ* do iambo i de Calimaco.

Observemos, a propósito, que as glossas *ήμίκνπρον* (148a) e *χντροπόδιον* (173) pertencem ao 1.1, o que, certamente por lapso, não vem indicado na edição de Masson.

O último fragmento tem o número 173, mas os fragmentos são, na realidade, 180, porque se não utilizam (desconhecemos a razão) os números 11, 18, 31,45, 46, 55, 69, 121 e 126, mas se recorre aos números 114a, 114b, 114c, 118a, 129a, 135a, 135b, 135c, 135d, 138a, 148a, 148b, 151a, 151b, 156a, 165a.

e *ιφὸς τό (πρώτωι* Meineke) pertence, como fórmula introdutiva, ao escoliasta de Apolónio Ródio («for a weak ceasure would be incredible», observa justamente Knox, *Herodes*, p. 28). Não são determináveis as paJavras que, no original de Hipónax, ligavam *Civôixòv διάζφαγμα* ao verso *Κοραξικον... Χœnoc,* verosímilmente próximo, a julgar pela imitação de Fénix de Cólofon (3.14-15 Diehl³).

4.2. O editor reconhece que é «apenas provável» que *ούδεν αϊcιον προθεαπίζων* seja «uma citação literal de Hipónax» (p. 105). Neste caso, porque inserir tais palavras no texto do fragmento ?

21. A lição *ήμίεκτον αιτεί' του φάλεω κολάψειεν,* adoptada por Adrados e Masson, não nos parece satisfatória (embora a tenhamos acolhido, com pontuação diferente e errónea, na nossa própria edição): preferimos agora aceitar a proposta *κολάχραι <μ>ε* (ou *κολάφα€α)* de Knox, «qua et res et genitiuus *τοϋ φάλεω* optime explicetur» (Koster, «Mnem.», s. 4, vol. 16 [1963], 301).

23. Que a final do verso *τούζ ανδρα€ τούτου€ οδύνη* ⁵*πιαλεΐ ριγηλή* tenha sido «obtida por Bergk de maneira bastante satisfatória» (p. 117) é para nós duvidoso, em especial no tocante a *ριγηλή,* que não vemos claramente como possa deduzir-se de *ρειπαε, ρειτιαε, ρειταε* dos códices.

24. Bergk não indica as razões por que mantém a lição *μαδώντα* : e, embora seja grande a sua autoridade, os exemplos de Dion de Prusa *(Or.* 5. 27, p. 83 Arn.), Luciano *(Dial. mort.* 14.5) e Filon *(De aet. mundi* 125) inclinam a balança a favor da correcção *μυδώντα* (Estienne e Hemsterhuys, seguidos pela maioria dos editores do poeta).

26.2. Não nos parece demonstrada a oportunidade da correcção *Θυννίδα* (em vez de *Θύνναν, θύννον* dos códices), propcsta por Meineke, e que Masson considera «excelente» (p. 119): Anânio emprega *θύννοc* (5.7 Diehl³), e um dáctilo inicial em dois iambos sucessivos não tem paralelo nos versos conservados de Hipónax.

28.5. Em vez do hipotético **ανδρωνι,* sugerido por Masson no comentário (p. 121), talvez se possa resolver a *crux* f *caβαννί (€αβωνι,* c*αμαυνι,* etc.) em *€αρωνί,* com significado obsceno, como sugere Tar diti («Riv. filol. isti, class.», 40 [1962], 193), recordando urna glossa de Hesiquio *(€αρωνίδεέ),* a que podemos acrescentar, no frg. 82 5, οαρων[.

38.1-2. A pontuação do primeiro veiso deverá ser, conforme as observações de Morelli, *ώ Ζεϋ, πάτερ <Ζεϋ>, θεών κτλ.* (e não *ώ Ζεϋ πάτερ, <Ζεϋ>, θεών κτλ.).* No segundo, convirá 1er *πάλμυ* (lição de AV), em vez de *πάλμυν* (PH), de acordo com o passo de Aristófanes, *Plut.* 130-134, por mim citado e justamente aproveitado por Tarditi e Degani.

39.3. Pensamos agora que deve conservar-se a lição *αλφιτον* dos códices, como fez Knox e íecorda Degani («Gnomon», 34 [1962], 755), citando Heródoto, 7. 119 *άλφιτα εποίευν.*

42.1. Não quebramos lanças pela forma *nãcav* do códice B, que já Meineke, com o aplauso de Bergk e Knox, mandava 1er *πάλιν* e atribuía ao texto de Tzetzes: mas também não ousaríamos «apartá-la definitivamente» (p. 130), porque seria caso ímpar, nas citações do Bizantino, a omissão do inicio do iambo e porque o verso nos recorda *Λ* 569 e Apolónio Ródio, 4.272-273, onde a palavra figura, por sinal, com o verbo *όδεύειν* do texto hiponacteu.

62. A possibilidade de escandir o inicio de verso *εν ταμιείωι* como dáctilo mais iambo evita que o mesmo de va ser considerado «corrupto» (p. 138). O próprio

Masson exprimiu posteriormente a sua concordância com este ponto de vista («Ant. Class.», 32 [1963], 214, e «Rev. philol.», 90 [1964], 93).

73.3-5. É aceitável e sugestiva a colocação, neste fragmento papiráceo, dos frgs. 51 e 71 Diehl³, de tradição indirecta: mas a interpretação do primeiro parece--nos discutível (bravata, e não terror, em nossa opinião), e insegura, por enquanto, a lição do segundo.

79 5. Consideramos inexacta a interpretação que Diehl propôs para este fragmento de verso, ao citar Platão, *Leg.* 1.633d: *κηρίνουα εποί[η€ε* não significa «tornou brandos como a cera», mas «pôs amarelos (de susto) como a cera». Assim o demonstram a glossa de Hesíquio *έκηριώθην έ€κοτώθην ή διά το δέο*c *κήρινο€ εγενόμψ*, e a palavra *κάνετίληαε,* no verso seguinte do mesmo fragmento ([10]).

82.1. Não é «evidente» (p. 148) para nós em *οΐον &ρυμ[* a menção do rio Estrimon: a par dessa possibilidade, vislumbramos a alusão a um *καταπύγων* de nome Estrimodoro (cf. 49.2 *'A€ωποδόρον παΐδ*a; e as três referências de Aristófanes, *Acarn.* 273, *Vesp.* 233, *Lys.* 259).

84.17. O artigo de Rees, *Callimachus*, *Iambus* 1.9-11 («Class. Rev.», 11 [1961], 2), em que se regressa, no frg. 119.11 Pf. do Cireneu, à leitura *ψύχει* (em vez de *ψήχει* de Bentley), persuade-nos que a correcção *ψήχει* de Knox, aceite por Masson (Diehl e Medeiros t *ψύχων*; dúvida em Adrados; Bergk *ψύχων*, sem relutância expressa), é ilegítima. A voz *ψύχων* não significa «exalante» (p. 149), mas «que se põe a arejar»; e, sob forma composta, reaparece em Herodas, também em final de verso (4.29 *εκ τάχα ψύξει).*

92. Masson considera este fragmento «difícil de interpretar em pormenor» e «um dos mais bizarros do nosso autor» (p. 150). Somos, neste caso, um pouco menos pessimista, porque julgamos acertada no geral (embora discutível no por menor) a explicação que dele apresentou um conhecedor admirável dos cómicos atenienses, Ettore Romagnoli *(I poeti lirici*, I, pp. 224-225 e 232-235).

No v. 5, o suplemento *κό]ποι€* de Coppola não tem, quanto a nós, viabilidade (até porque lemos *εν]* $_{\text{τοις}}$ e aproximamos Aristófanes, *Eccl.* 707-708): mesmo supondo que a leitura *]7101c* se impusesse, preferiríamos a *κό]ποις* de Coppola e *ζτύ]ποι c* de Latte o suplemento *τό]ποι€* de Romagnoli, pois vemos neste passo uma alusão aos *testes* do paciente. — É improvável que a cena decorra em uma *λαύρη* (p. 151): a palavra, no v. 10, deve ser sinónimo de **πρωκτός.* — Masson rejeita o suplemento *τας βύρα{€ κατήραξαν* de Coppola, considërando-o «ad scarabaeos non aptum» (p. 76; e 152 n. 2): mais aceitável, de facto, desde que se admita para *θύρα* o sentido de 'πρωκτός' que tem em Aristófanes (Taillardat, *Les images d'Aristophane*, Paris, 1962, § 88, cf. § 118) e que parece seguro neste verso de Hipónax (porquanto no seguinte se lê *τοϋ Πυγέληζι[),* é *διώρυξαν* de Romagnoli (cf. Aristóf., *Nub.* 714).— Faltam a este fragmento o v. 18 (em que, aliás, se lê apenas *]δη[)* e as relíquias, também miserandas, da segunda coluna do papiro.

115.11. Em nossa opinião, a leitura *άκρον παρά ρηγμιν άκυμάντςν* [*π]ό[ρ]ον*, que pode apoiar-se em Eurípides, *I ph. Taur.* 253 *ακρακ επί ρηγμϊαν άξενου πόρον* (cf. frg. col. paren!. 6 Knox *ακραίο επι ρηγμϊαν Εύξείνου πόντον*), continua a ser

([10]) «Il s'agit de la peur», observa aliás, rectamente, o editor francês, depois de citar a opinião de Diehl.

preferível a *ακρον παρά ρηγμίνι κυμαντφι',* [.].[.]. *ι* que exige uma correcção *(ρηγμίνα* pap.) e a aceitação de um adjectivo *(κνμαντό* c) nunca atestado. Objecta Masson («Rev. philol.», 90 [1964], 94) que «a significação, de algum modo favorável», de *άκνμαντός* lhe «parece não convir ao espírito deste passo». Mas ao náufrago que atingiu a terra firme, que importa agora o encapelar das ondas ? Se o mar continuasse a despedaçar-se em fúria contra a praia, o inimigo do poeta experimentaria, até, um sentimento de reconforto por ter escapado ao abraço da morte; mas se o mar, depois de ter aç3itado brutalmente o infeliz, se mostrar manso como um lago, a irrisão da sorte será, para o escravo dos Trácics, muito mais pungente.

117.2. O editor considera «ambígua», no estado actual do texto, a palavra *κυρτόν (κυρτόν* 'nassa' ou *κυρτόν* 'gebo') (p. 161): nesse caso, porque acentuou *κυρτόν* no corpo do epodo? — No v. 7, *τ]ρ[άγ]ου* de Diehl (cf. *Anthol. Pal.* 11.240.1-3) ou *γ]ρ[άα]ου* de Wilamowitz são bem mais prováveis que *τ]ρ[όμ]ου* de Cantarella (é inconsistente a sua objecção de que o trescalar hircino se não vê: o poeta não fala em ver esse trescalar, mas sim o delinquente que o exala).

122-123. Não aprovamos a junção destes dois fragmentos (já advogada por Brink), quer porque ela não é plenamente satisfatória do ponto de vista formal (diferentes os casos de 13 e 14, e 32 e 33), quer porque a atribuição a Hipónax do primeiro fragmento, devida a Meineke, embora muito provável, não é incontroversa.

128.3. A boa lição — cremo-lo agora — é *ψηφΐδι κακήι*, como se lê nos *recentiores* e como prova o confronto com Calimaco, *Iamb.* 193.13 Pf. *κακαί ψήφοι* (Pontani, Degani).

135b. Preferível talvez *βορβορώπις* (Suet, *βορβορώπη)* a *βορβορόπη,* se, como supomos, se trata de parodia dos homerismos *βocomc*, *γλαυκώπια*, *κυνώπίc.* Mas o próprio Masson declara «incerta» (pp. 91 e 172) a forma.

A parte mais extensa do livro é constituída pelo comentário (pp. 101-182), essencial numa obra fragmentária como a de Hipónax: a esta parte nos reportámos várias vezes, ao discutir a lição ou a interpretação de alguns passos. Aqui, como na introdução, a sobriedade do expositor é exemplar, a despeito da variedade de assuntos que solicitam a sua atenção. Sobressaem, pela prudência do critério e solidez da informação, os excursos etimológicos sobre *Aiveielc, δοϋμοα'*, *ερπια, Κανδαύλαα, καύη€, Μαλία, μαυλιατήριον, Σάννοφαρμακόα, χάλια* ([11]).

Uma bibliografia riquíssima, criteriosamente seleccionada ([12]) e oportunamente citada, está na base deste comentário e de todo o trabalho, que honra o seu autor e a escola onde foi preparado.

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

([*]) Nalguns casos, como no de *Κανδαΰλαα* (pp. 104-106), *ερπια* (p. 148) e *μαυλιατήριον* (pp. 178-179), o autor deu apenas uma síntese dos seus pontos de vista, reservando para artigos posteriores uma demonstração mais cabal. O estudo sobre *ερπια* foi já publicado na «Rev. philol.», 88 (1962), 46-50.

([12]) Apenas teríamos eliminado o livro de Whatmough, *Poetic, scientific and other forms of discourse* (Berkeley-Los Angeles, 1956), com o qual Masson está em manifesto desacordo, e que efectivamente nos parece carecer de espírito científico.